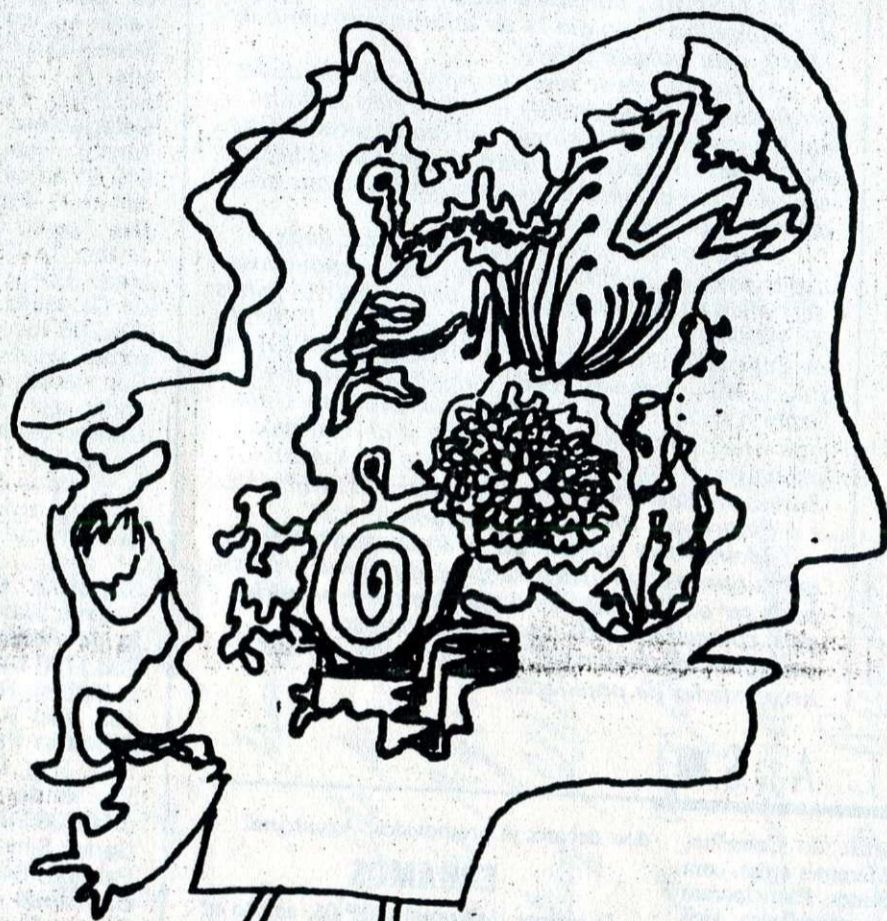


SAÚDE MENTAL



• **No Trabalho**

pág. 5

• **Nas Instituições**

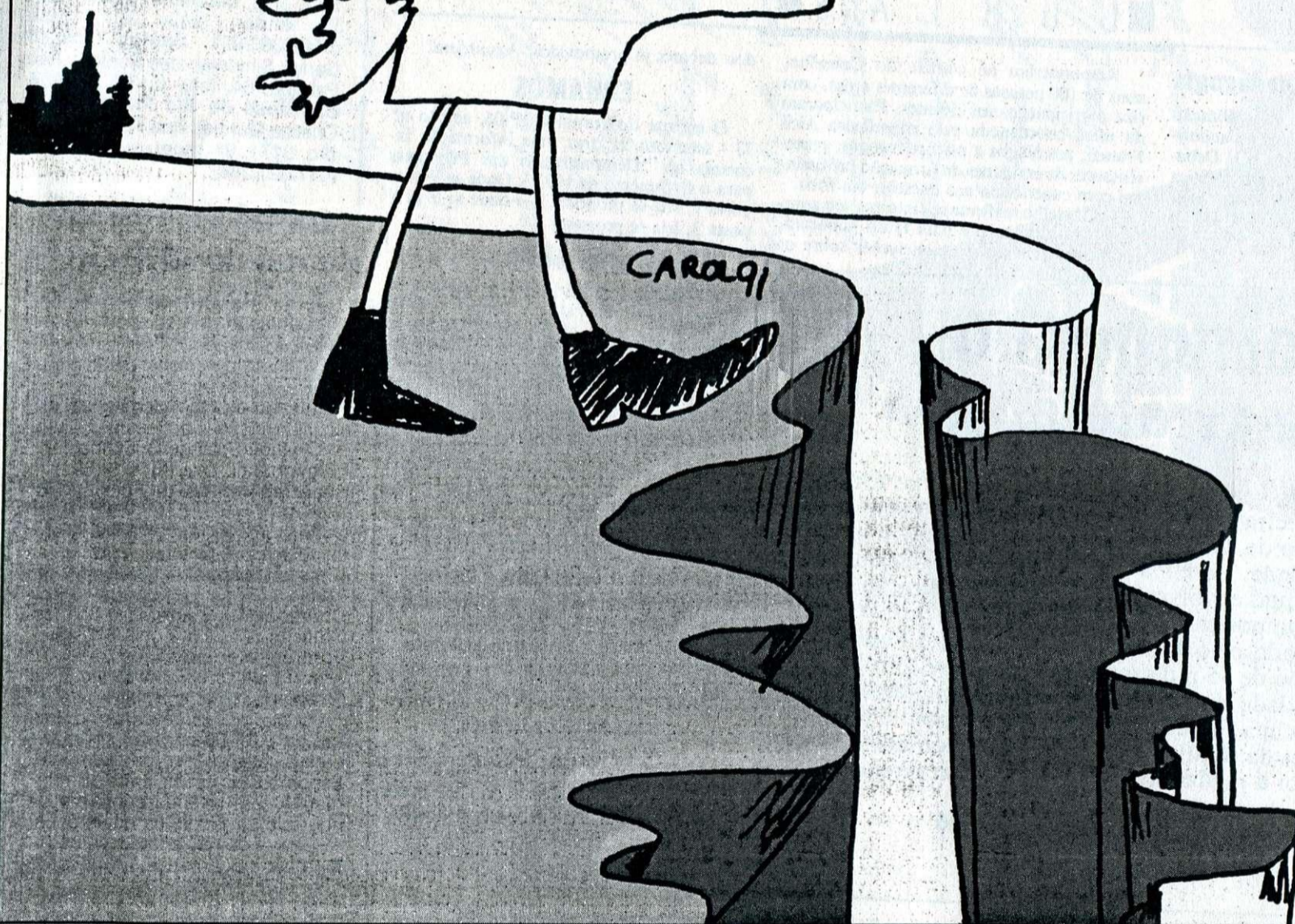
pág. 4

• **Nos Serviços Públicos**

pág. 3

• **Na América Latina**

pág. 6



O Encontro das Plenárias

Dois importantes eventos marcam o mês de outubro. No âmbito de nossa região, o CRP-06 realizará o II Congresso de Psicologia, cujo o tema é "A Profissão do Psicólogo e a Saúde", conforme já vem sendo divulgado nas últimas edições deste Jornal.

Neste número, damos seqüência às discussões sobre o temário do II CONPSIC, trazendo uma entrevista com o psicanalista Chaim Samuel Katz que fará conferência sobre "Saúde Mental e Saúde Pública". Também são abordados os temas "Saúde e Trabalho", "Saúde Mental na América Latina" e "Saúde e Instituições" por Edith Seligmann Silva, Jorge Broide e Sílvia Alonso, respectivamente.

O outro grande evento que acontece neste mês refere-se ao Encontro de Plenárias, que reunirá representantes (Conselheiros e Delegados) dos Conselhos Federal e Regionais de Psicologia, com o objetivo de discutir a natureza e o futuro da autarquia.

A fim de preparar sua participação em tal Encontro, o CRP-06 iniciou um debate, norteando-se pelas seguintes questões:

- As demandas da sociedade em relação aos grupamentos profissionais;
 - Capacidade de resposta dos profissionais frente às expectativas da sociedade;
 - Requisitos institucionais - o papel e a atuação das diversas instituições no que se refere às relações sociedade/exercício profissional; qual seria o espaço de atuação de um sistema de organização profissional, considerando as questões abordadas nos itens anteriores;
 - A constituição organizacional da autarquia.
- A discussão desenvolvida a partir desses aspectos, gerou, como era de se esperar, várias e diferentes proposições que estão em pauta nesse processo de reflexão. Ainda que não tenha sido esgotado, o

debate já resultou em pontos consensuais, que significam as diretrizes do posicionamento da atual Gestão. São eles:

- Há, de fato, a necessidade de mudanças na autarquia;
 - Não à extinção do CRP. Há uma demanda social que justifica a existência da entidade;
 - O CRP deve se constituir enquanto entidade que defenda a qualidade do exercício profissional.
- A reflexão que, nesta etapa, está se dando a nível interno da plenária da entidade, será aberta à toda a categoria pertencente à região, por ocasião do II CONPSIC, durante a mesa-redonda "O papel dos Conselhos", no dia 19 de outubro próximo, às 15h30, com entrada franca.

A proposta de se rever os rumos das entidades profissionais, é importante lembrar, não se limita aos Conselhos de Psicologia. Tal mobilização reflete, na verdade, o questionamento presente na sociedade em relação à qualidade dos serviços prestados nos diferentes campos de atuação.

Neste contexto, vemos a controvérsia quanto aos exames de qualificação para recém-graduados, defendido por alguns grupos no âmbito dos Conselhos de Medicina. Outro exemplo é o Conselho Federal de Engenheiros e Arquitetos e os respectivos CREAS, que se encontram em pleno estágio de rediscussão sobre o sistema de organização das profissões. Por outro lado, o Senado Federal, em junho último, promoveu, através de sua Comissão de Assuntos Sociais, um seminário sobre "Qualificação Profissional e o Futuro das Profissões Regulamentadas".

Mesmo sem saber quais serão as reestruturações que surgirão ao final desse debate, o próprio processo pode ser considerado uma oportunidade propícia para colocar em foco não só os interesses das categorias profissionais, mas sobretudo as reais necessidades da população.

■ CURTAS ■

II Debate sobre Psicopedagogia

A Comissão de Orientação e Fiscalização realizou, em 28 de agosto último, no auditório do Instituto Sedes Sapientiae, o II Debate sobre Psicopedagogia Enquanto Prática Profissional. Desta vez foram enfocadas questões do diagnóstico, no que diz respeito às especificidades tanto psicológicas, como as pedagógicas.

Responderam ao convite do Conselho, mais de 100 pessoas de diferentes áreas, com rica participação nos debates. Participaram da mesa coordenada pela conselheira Aicil Franco, psicólogos e psicopedagogos, representantes de entidades de formação profissional com experiência nas questões em foco.

O Conselho reafirma seu interesse em aprofundar tal discussão e para tanto publicará, em breve, as sínteses e conclusões sobre os

dois debates já promovidos. Aguardem!

ERRAMOS

O encarte do Jornal CRP-06, edição nº 73 - setembro/91, traz uma informação incorreta no "Demonstrativo das Propostas para o Orçamento de 1992". Onde se lê proposta 1, leia-se proposta 3, e onde se lê proposta 3, leia-se proposta 1.

Encontro de Supervisores

A Faculdade de Psicologia da Universidade de Taubaté realizou o I Encontro Estadual de Supervisores das Faculdades de Psicologia. O CRP-06 foi convidado e compareceu apresentando aspectos do seu atual relacionamento com os cursos da Psicologia, bem como respondendo às questões relativas a ética profissional e formação.

A iniciativa contou com pequena participação das demais faculdades, mas pareceu-nos digna de total apoio e incentivo a futuros desdobramentos.

Cursos em Ribeirão Preto

A Delegacia de Ribeirão Preto informa que nos dias 21 e 22 de outubro, antes da XXI Reunião Anual, a Sociedade de Psicologia oferecerá um conjunto de 17 cursos, ministrados por docentes das principais universidades brasileiras e do exterior. Informações e inscrições pelo fone (016) 625-9366.

O Prédio do IPUSP

Na edição nº 66 do Jornal do CRP-06 - maio-junho/90, foi noticiado que o prédio do Instituto de Psicologia da USP-IPUSP havia sido demolido por risco de desabamento. Cabe-nos informar, agora, que já foi inaugurado o novo prédio, onde estão funcionando os cursos de psicologia.

COMUNICADO: "Uma errata errada"

A pressa, algumas vezes, propicia erros. Ao prepararmos a errata (feita com certa urgência) e distribuída junto com a pesquisa da Comissão de Trabalho, negávamos o apoio e autoria da Reply Publicidade. Porém a execução do material que chegou até vocês, o qual envolveu desde a criação, direção de arte, lay-out, fotocomposição, past-up, fotolito e inclusive a conquista de apoio dado pelo Jornal O Estado de São Paulo (que ofereceu impressão de 35 mil exemplares do folheto) foi de inteira responsabilidade da Agência Reply. Ao repararmos este erro, queremos acima de tudo, afirmar que o apoio e patrocínio que recebemos da Reply Publicidade viabilizou nosso objetivo maior que foi a realização desta importante pesquisa.

Comissão de Trabalho do CRP-06

Conselho Regional de Psicologia 6ª Região

Conselheiros: Adermir Ramos da Silva Filho, Aicil Franco, Ana Lúcia Jackson, Ana Maria Blanques, Arialdo Germano Junior, Antonio César Frasseto, Benedita Antonia Watanabe, Brônia Liebesny, Carolina do Rocio Klomfahs, Denise Bandeira de Melo, Fausto Afonso Duarte, Frida Zolty Graça Maria Totaro, Irma Macário, José Alfredo Leal, José Zula de Oliveira, Kathia Nemeth Perez, Luiz Celso Manço, Maralúcia Ambrósio Abramovay, Marlene Bueno Zola, Maurício Lourenção Garcia, Mauro Hollo, Regina Heloisa Maciel, Sara Raquel da Silva, Solange Bertolotto Shneider, Valter Apolinário Filho.

Sede - São Paulo: Rua Borges Lagoa, 74 - CEP 04038 - Fone (011) 549.9799 - Fax: 575.0857.

Delegacias: ABC (Maria Regina Tonim): Rua Luiz Pinto Fláquer, 519 6º andar, sala 61, fones (011) 444.4000. Assis (Edgar Rodrigues): Rua Angelo Bertocini, 345, fone (0183) 22.6224. Bauru (Carmem Maria Bueno Neme): Rua Batista de Carvalho, 433, 2º andar, sala 205/206, fone (0142) 22.2284. Campinas (Hipólito Carretone Filho): Rua Barão de Jaguará, 1481, 17º andar, sala 172, fone (0192) 32.5397.

Campo Grande (Zélia Araujo Galaciano): Rua Dom Aquino, 1354, sala 97, fone (067) 382.4801. **Cuiabá** (Maria Aparecida Fernandes): Av. Tenente-Coronel Duarte, 549, 3º andar, sala 302, fone (065) 322.6902. **Guarulhos** (Benedita Antonia Watanabe): Rua Dr. Renato de Andrade Maia, 26 A, fone 208.1736. **Lorena** (Rosângela Dueri Matos): Rua N. S. da Piedade, 185, sala 9, fone (0195) 52.4658.

Ribeirão Preto (Renier Rozestraten): Rua Cerqueira César, 481, 3º andar, sala 301, fone (016) 636.9021. **Santos** (Antonio Carlos Simonian dos Santos): Rua Paraíba, 84, fone (0132) 39.1987.

São José do Rio Preto (Fátima Cristina Garcia): Rua 15 de novembro, 3171, 9º andar, sala 91, fone (0172) 21.2882.

Jornal do CRP-06

O Jornal do CRP-06 é o órgão de orientação do exercício profissional, publicado bimestralmente pelo Conselho Regional de Psicologia-6ª Região.

Comissão de Divulgação: Maurício Lourenção Garcia, José Zula de Oliveira, Solange B. Schneider

Edição: Sueli Zola (MTb 14.824)

Reportagem: Rita de Sousa (MTb 18.924)

Colaboração: Carmen Sílvia Aliende, Oficina de Comunicação.

Diagramação: C & S/Claudir de Araujo

Composição e Arte: C & S Artes Gráficas S/C Ltda. Fone: 575-4565

Fotolito e Impressão: Catálogo Artes Gráficas e Editora Ltda.

Tiragem: 31 mil exemplares

As colaborações enviadas ao Jornal do CRP-06 poderão ser publicadas integral ou parcialmente. Em ambos os casos, fonte de informação será referida conforme os originais enviados, os quais poderão sofrer ou não alterações consideradas necessárias, de acordo com critérios editoriais.

Saúde Mental na Rede Pública

É a conferência que será proferida, no II CONPSIC, por Chaim Samuel Katz, psicanalista, autor dos livros *Psicanálise e Instituição e Ética e Psicanálise: Uma Introdução*. Nesta entrevista, ele enfoca o tema, apontando os principais problemas que atingem o setor, como a escassez de recursos e a falta de qualificação dos profissionais.

Quais são os principais problemas em relação à questão da saúde mental na rede pública?

Chaim Katz - Neste momento em que o governo está mais voltado para uma política de privatização, a saúde pública está sofrendo muito, está sendo bastante sacrificada. Se fez uma espécie de divisão, na qual se pensa mais nos benefícios que se pode alcançar na área das chamadas doenças fisiológicas e entre nós, no Brasil, ainda não se discutiu o suficiente a questão da loucura e a internação psiquiátrica. Com isto, o sacrifício fica sendo muito maior porque não temos argumentos e nem poderes suficientes para propor modificações.

Como é o campo de trabalho para os agentes psi?

Chaim Katz - É muito pequeno, mesmo nas áreas como educação escolar, trabalho e empresas - aqui no

“A teoria é importante, mas é preciso considerar o momento histórico brasileiro”

Rio tem muito menos psicólogos atuantes do que em São Paulo. Há uma crise generalizada, mas eu acho que é uma política antiga sobre a qual seria muito difícil falar neste momento.

Quais são as possibilidades de se mudar tal situação?

Chaim Katz - Eu acho que a sociedade civil deve intervir em conjunto com o Estado, porque ela sozinha reclamando não vai resolver. O Estado tem que propiciar recursos e, neste momento, o que tenho escutado é exatamente o oposto. Até na chamada medicina mínima do trabalho estão sendo retirados fortemente os recursos.

Existe alguma mobilização dos profissionais?

Chaim Katz - Não. Tem havido algumas greves isoladas, em função dos salários baixos, ou seja, por uma questão de sobrevivência. Essas greves, portanto, não possuem mais aquele caráter político e teórico que tinham antigamente. Eu, pelo menos, não escuto este movimento.

As faculdades preparam os psicólogos e psiquiatras para atuarem nos consultórios, que, em geral, são particulares. Como fazer para adequar este tipo de formação às necessidades do setor público?

Chaim Katz - Eu penso que a preparação dos profissionais para a atuação

no setor público não deveria restringir-se às universidades. Trata-se de trabalhos de pesquisa que poderiam partir do próprio local de atendimento. No entanto, este tipo de elaboração teórica é muito pequena no Brasil. Aqui no Rio, talvez existam umas cinco pessoas que possam nos dar um bom instrumento para pensar as questões de grupos e instituições. Os demais só sabem falar de clínica e, em geral baseiam-se em referências estrangeiras. Há pouquíssimo material sobre o que acontece entre e perto de nós.

É uma situação de crise realmente?

Chaim Katz -

Eu acho que nem é crise, infelizmente. Eu gosto de situações de crise porque elas provocam mudanças e eu não escuto isso.

O que é então?

Chaim Katz - É mais um apagamento. Essas situações foram

um pouco exiladas e, de vez em quando, algumas pessoas reclamam.

São reflexos da economia do país?

Chaim Katz - É da política econômica do país. Porque o país tem dinheiro para outros tipos de investimentos, como por exemplo, a Orla-Rio. Mas para os serviços públicos básicos, como a saúde, não está tendo.

Má administração?

Chaim Katz - Não, é uma questão de interesses mesmo. Não há uma equivalência do investimento. Isto por um lado. Por outro, eu acho que embora a universidade brasileira tenha se esforçado para conhecer o Brasil, a nossa área está mais preocupada com a famosa teoria analítica, especialmente a laciana.

Seria necessário uma reformulação nos currículos de Psicologia e Psiquiatria?

Chaim Katz - Eu acho que sim. Eles deveriam se dirigir para essa coisa que a gente se bate há muito tempo e de tanto se bater ficou achatada, que é a chamada realidade brasileira. As pessoas precisam ser mais atendidas, inclusive esta classe média que empobreceu muito, e se deveria cuidar deste assunto de um modo mais enfocado, menos teórico.

Mais prática?

Chaim Katz - Não seria uma prática



Matutti Mayezo - Ag. Folhas

bruta, mas uma elaboração em cima da prática. Uma prática indireta que levasse sempre em conta a teoria.

A teoria é importante, mas seria necessário que se considerassem questões concretas, efetivas do momento histórico brasileiro. O Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - Uerj, talvez seja exceção, onde se fazem investigações neste sentido. Nos outros lugares, o que predomina geralmente é uma certa psicanálise abstrata que a mim interessa muito pouco, mas parece que fascina outros. Os psicólogos e psiquiatras tomaram gosto por isso.

O poder público se preocupa com a qualificação dos profissionais da saúde?

Chaim Katz - Não. A grande tragédia aqui é esta. O poder público está gerindo certas articulações, onde as empresas e os hospitais privados acabam sendo beneficiados. Quanto aos recursos, por exemplo, tudo é muito controlado, mas esse controle é sobre a política e não sobre o político. Seria necessário que um agente pudesse questionar o direcionamento de verbas. Que não fossem concedidas verbas para isto ou aquilo, mas que se checasse qual o tipo de política que se está fazendo. Qual a relação dela com a academia? Eu penso que de-

veria ter um grupo assim que pudesse fazer este tipo de direcionamento e não apenas ter uma participação disciplinar.

A psicanálise vem sendo inserida no setor público?

Chaim Katz -

Eu penso que sim. Ela saiu do divã e quer alcançar os hospitais, as escolas, etc. Eu sou chamado para abrir e encerrar inúmeros congressos e esta é uma maneira de enquanto analista estar levando uma palavra psicanalítica também. A Psicanálise vende seus produtos. E essa história de que vendemos só uma idéia, não é por aí. Nós nos inserimos em vários lugares sem o que não haveria uma clínica psicanalítica. É uma regra, mesmo que nossa entrada seja mais suave, menos direta. Não há como não entrar.

Qual avaliação o senhor faz do projeto de lei Paulo Delgado?

Chaim Katz - Eu não sei se esta lei vai resolver ou não, no momento em que a lei italiana, que é o nosso modelo, está em crise e vai ser refeita.

Quais são os pontos de conflito que o senhor vê no projeto?

Chaim Katz - Eu acho que este projeto não pensou na situação permanente do Brasil, ou seja, que qualquer grupo isolado, sem uma proteção oficiosa, está sujeito não apenas à desintegração enquanto grupo, mas à eliminação física. Um exemplo é o que está acontecendo com as crianças. Eu penso que soltos, alguns pacientes serão mortos.

É a explicação mais simples que se tem, mas é o que deve acontecer. Nós estamos vivendo uma época de capitalismo selvagem, em que somente isto é previsível. Esses grupos não têm a mínima condição de se proteger.

“A psicanálise saiu do divã e quer alcançar escolas e hospitais”

A Atitude Terapêutica nas Instituições

Silvia Alonso, psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, responde questões relativas a este tema.

“Eu entendo que não há necessidade de diferenciar a formação dos psicólogos que trabalham em consultório e os que trabalham, com saúde mental, nas instituições públicas. Em primeiro lugar, porque o consultório particular também é uma instituição. Em segundo lugar, porque os eixos do trabalho são os mesmos.

A possibilidade de interrogar os sintomas, de reconstruir determinantes históricos, de permitir que, através da repetição, se possa chegar a um efeito de refração e dar lugar a novas figuras, a clareza do que está em jogo na constelação subjetiva para poder fazer os cortes necessários e criar os suportes narcísicos suficientes, os espaços de criatividade que permitam articulações simbólicas e práticas sublímicas, enfim, tudo que eu entendo que está em jogo no trabalho e presente na formação do psicólogo para qualquer atividade, tanto no consultório como na instituição.

Na psicanálise, em si, não há oposição entre o individual e o social. Toda constituição subjetiva singular se tece com os fios presentes no coletivo. Para a psicanálise, as questões do trabalho passam, fundamentalmente, pela estruturação da transferência. Então, dentro de uma instituição pública haverá que perguntar-se que lugar a relação com a instituição e com os outros saberes ocupam na constituição dessa transferência.

Por exemplo, quando alguém demanda um tipo de atendimento numa instituição, há que se perguntar que tipo de imagem (da instituição) implica essa demanda. É evidente que a instituição e a sua existência vão estar presentes como questão de reflexão, tanto a partir da imagem construída pela pessoa que vai ser atendida, quanto pelo profissional de saúde mental.

Em relação às condições de trabalho que as instituições oferecem aos seus trabalhadores, podemos dizer que elas estão muito distantes do que seria minimamente adequado quanto à jornada, salário, exigências de demanda de atendimento, além da falta de espaço para a reflexão e supervisão.

Sendo a nossa própria vida psíquica o nosso instrumento de trabalho, acredito que ela deveria ser objeto de uma cuidadosa atenção, o que de fato não acontece. Apesar das inúmeras dificuldades, nos últimos anos tem havido um movimento importante, gerado pelos próprios trabalhadores da saúde mental, no sentido de conseguir instaurar espaços de reflexão sobre o trabalho realizado. Isso é fundamental, já que a relação existente entre a demanda da instituição e a capacidade de trabalho do profissional é um constante ponto de conflito, que resulta em posturas que vão da absoluta onipotência de quem pensa que pode resolver tu-

do à total impotência de quem, submergido na desilusão, pensa que não é capaz de fazer nada.

A demanda da instituição não pode ser esquecida, e tem de ser levada em conta no planejamento que o profissional de saúde mental faz, mas ele não deve se submeter à essa demanda. Se considerarmos as condições singulares de cada instituição, não caberia ao sistema administrativo a determinação das condições, duração, nem da forma que é própria de um processo terapêutico. Isso só pode ser feito pelo próprio profissional de saúde mental e, de acordo com a situação e o propósito de cada trabalho particular.

Em relação aos trabalhos que podem ser desenvolvidos em uma instituição, eu entendo que há dois tipos fundamen-

também numa atitude terapêutica que o profissional pode ter em relação à instituição.

Por exemplo, estou me lembrando de um trabalho realizado em 1972, numa maternidade, com um grupo familiar, numa situação de psicose pós-parto. Nesse trabalho, o eixo da interrogação girava em torno do choro do bebê.

Cada vez que o bebê chorava no colo da mãe, era possível perceber a intensificação da críspação no corpo dela. A interrogação sobre o choro permitia-nos reconstruir um circuito que começava em um discurso emitido pela avó materna e que percorria o mesmo circuito entre outros membros da família resultando sempre no mesmo sintoma.

Evidentemente, alguém que pergun-

mento institucional. Isso é o que eu chamo de atitude terapêutica dentro da instituição.

A outra questão que eu gostaria de levantar é que se pensa pouco na importância subjetiva da existência de certos espaços. Alguns espaços, só pelo fato de existirem, já têm uma função constitutiva de subjetividade muito importante, independente daquilo que possa ser trabalhado em seu interior.

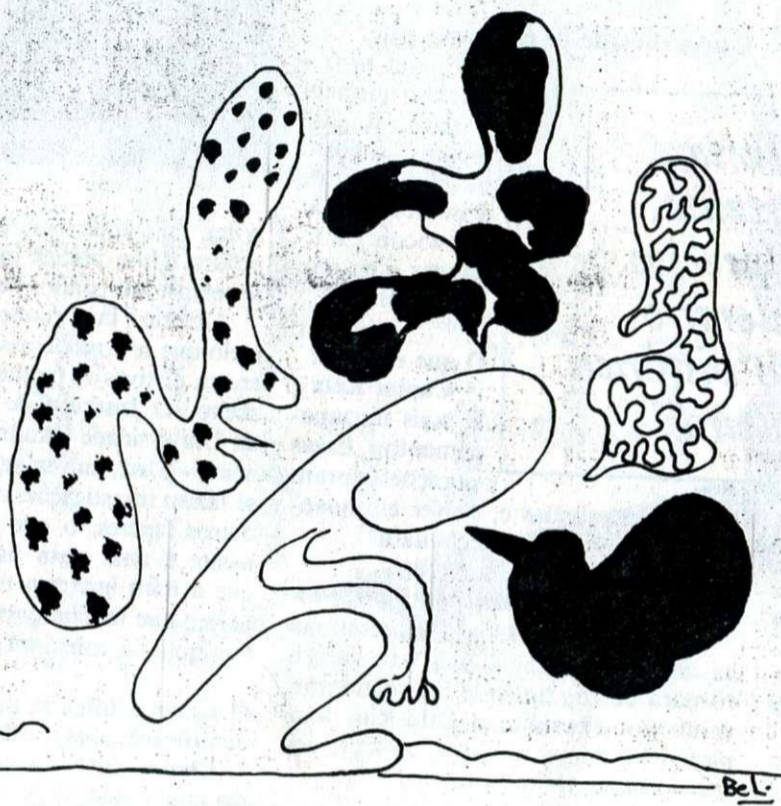
Estou, nesse momento, pensando num trabalho de pesquisa que supervisionei há algum tempo, com grupos de mulheres, a partir de um serviço de planejamento familiar. Um dos fatores que me chamava a atenção, enquanto desenvolvia a supervisão desse trabalho de pesquisa, era o grande esforço que as mulheres faziam para poder comparecer às reuniões do grupo. Esforço porque eram mulheres de condições econômicas muito ruins, que moravam muito longe, mas estavam sempre presentes. Essa frequência chamou minha atenção e comecei a me perguntar o que as motivava tão fortemente, considerando que se tratava de um grupo de pesquisa que, aparentemente, não oferecia nada que as pudesse beneficiar pessoalmente, além da possibilidade de conversar com outras mulheres que tinham problemas semelhantes.

Guiada por essa pergunta, eu fui chegando a entender que esse grupo era de grande importância para elas, pois se constituía numa possibilidade de registro do que elas pensavam. Durante as reuniões de grupo, elas insistiam muito em saber se o que elas diziam ia ficar escrito, se seria divulgado. O que parecia importar, realmente, era saber se elas teriam algum registro da sua existência, da sua passagem pelo mundo.

Eram mulheres portadoras de graves doenças físicas, para quem a possibilidade de levar em frente uma gravidez implicava um alto risco de vida. Apesar da informação médica e de terem participado de grupos de orientação, a idéia de usarem métodos anticoncepcionais não era bem aceita. Uma coisa que ficou clara é que, enquanto cidadãs, sem poder deixar nenhuma marca ou registro da passagem delas pelo mundo, o filho se convertia na única marca possível.

Foi importante perceber que a existência do grupo na vida dessas mulheres - mais do que a oportunidade de pensar, falar, discutir - era, em si, significativa.

O que elas falavam ficava escrito e seria divulgado através da pesquisa, e isto produzia um efeito de reconhecimento em algo que transcendia seu próprio corpo e que funcionava como um suporte narcísico, num momento em que tinham que fazer uma renúncia narcísica importante, a de não ter um filho”.



Um circuito recorrente do mesmo conteúdo.

tais: os trabalhos nas instituições e os trabalhos com as instituições. Entre os primeiros, eu diferenciaria os trabalhos terapêuticos e os trabalhos preventivos, ou seja, aqueles relativos à promoção da saúde. Eu acho que os espaços possíveis de serem conquistados dependem tanto da criatividade do profissional que está trabalhando, quanto da singularidade da instituição, mas eu gostaria de enfatizar algumas questões.

Em primeiro lugar, eu diria que as instituições tendem a cristalizar - a nível de funções, formas de comunicação, saberes e verdades - tudo aquilo que mantém os automatismos repetitivos. Nesse contexto, a presença de um profissional que se dispõe a interrogar o sintoma, a repetição, já é, em si, um trabalho significativo. Não se pode pensar só nos trabalhos específicos, mas

tasse pelo choro do bebê, abria possibilidades para perceber - e depois transformar - aquilo que se repetia, continuamente, como um circuito automático, na emissão, percurso e recepção de uma mensagem transmitida através dos mesmos personagens e implicava num circuito recorrente de mesmo conteúdo.

É a isso que estou me referindo quando penso a instituição pública. Se algum profissional se dispõe a interrogar aquilo que parece como natural no cotidiano institucional.

Aquilo pelo qual, normalmente, ninguém pergunta - porque já faz parte da estratégia de continuidade do instituição - certamente, permitirá que possam ser percebidos quais são os circuitos de comunicação, as estereotípicas das funções, as repetições que produzem efeitos sintomáticos no funciona-

A Perspectiva Psicossocial do Trabalho

Edith Seligmann Silva, psicoterapeuta e professora do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP, mostra, nesta matéria, que as condições enfrentadas pelos trabalhadores podem gerar-lhes a vitalidade ou a doença.

“O trabalho é uma instância que, cada vez mais, vem sendo estudada em relação aos processos de saúde e doença. Tem sido estudada, especialmente, a perspectiva psicossocial desses processos. O trabalho, conforme diferentes situações contextuais, organizacionais e ambientais, tanto pode fortalecer a vitalidade, ou seja, a saúde, quanto contribuir para a gênese e desencadeamento de perturbações da esfera psíquica. Estas perturbações - estudadas pela psicopatologia do trabalho - podem se expressar tanto em termos psicossociais, quanto psicossomáticos e psiquiátricos.

Quando o trabalho está relacionado aos interesses da pessoa, aos seus desejos, à sua realização, ele pode ser visto como algo preservador e até estimulador da saúde. Ao contrário, o trabalho pode se constituir numa agressão psíquica ou até mesmo física, como no caso dos que trabalham com produtos químicos e radioatividade.

Além dos riscos ambientais e organizacionais, quando pensamos em saúde psicossocial, temos que analisar a política da empresa, qual a expectativa que as pessoas têm de fazer uma carreira dentro dessa empresa etc.

Para saber se o trabalho pode ser gerador de saúde ou de doença, importa saber o conteúdo do trabalho, as razões que conduziram o trabalhador até ele, quais são suas expectativas, que possibilidades ele tem de interagir e constituir um coletivo ativo. No Brasil, nós temos grandes contingentes de brasileiros submetidos a condições insalubres e a condições de dominação que não permitem a criatividade e o desenvolvimento dos potenciais do indivíduo. Estas questões estão na origem do sofrimento mental.

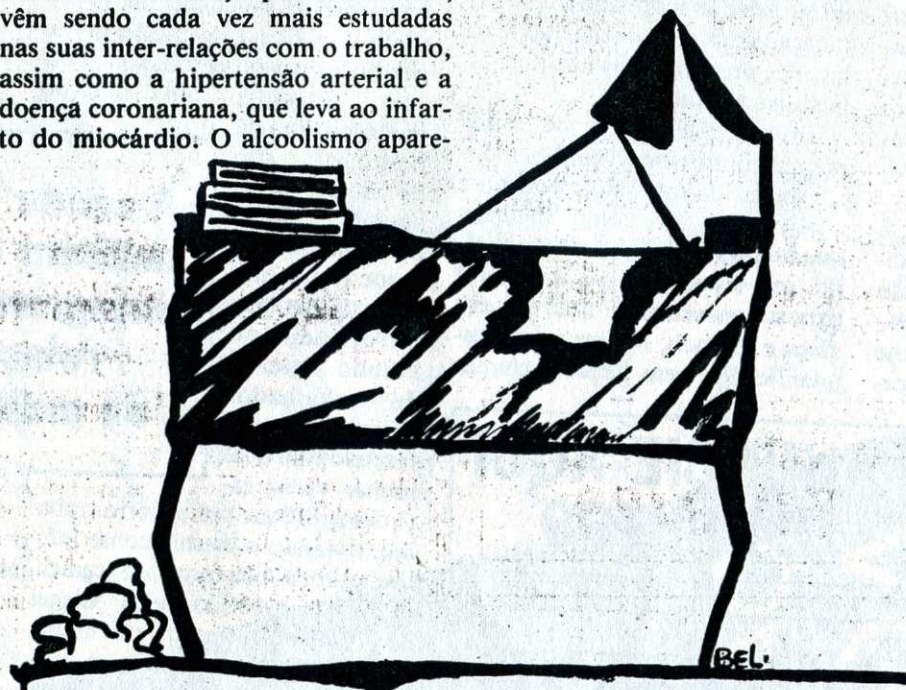
Não só Dejours, mas também outros estudiosos do assunto afirmam que é necessário analisar os problemas do coletivo do trabalho, não só a partir dos interesses da empresa, mas da potencialidade transformadora daqueles que estão envolvidos. Em relação ao trabalho do psicólogo, o que se quer dizer é que o profissional deve estar preparado para não se ater apenas aos interesses da empresa, como era feito, por exemplo, no caso de mapeamento de conflitos.

As faculdades de psicologia, enfermagem, e outras áreas ligadas ao campo da saúde devem estar preparando esses profissionais para que, além dos próprios conhecimentos, eles estejam preparados para utilizar uma metodologia adequada à investigação no campo da saúde mental do trabalho. A nova ótica deve estar comprometida com a saúde do empregado, pois se o trabalho o violenta eticamente, em sua dignidade ou até mesmo nas suas necessi-

dades fisiológicas, alguma coisa precisa ser feita.

Um trabalho, por exemplo, realizado em turnos alternados - numa semana de manhã, outra à tarde e outra à noite - sucessivamente é um trabalho que violenta a fisiologia. Todas essas pessoas estão submetidas a condições de trabalho que prejudicam sua saúde. Estudos realizados na França mostram que uma vida de trabalho nesse esquema causa um envelhecimento adicional de 7 anos, sem falar nas outras frustrações que resultam de um esquema como este. Não se pode estudar, conviver regularmente com a família etc.

Alcoolismo e depressões, além de uma série de doenças psicossomáticas, vêm sendo cada vez mais estudadas nas suas inter-relações com o trabalho, assim como a hipertensão arterial e a doença coronariana, que leva ao infarto do miocárdio. O alcoolismo apare-



Quando o trabalho é monótono ou isolado, gera muito mal-estar.

ce principalmente em trabalhos que levam a uma grande tensão de forma continuada, em que as pessoas têm de estar com atenção muito concentrada e, especialmente, em trabalhos que envolvem grande carga de responsabilidade. As pessoas ficam muito tensas horas seguidas e, frequentemente, quando saem do trabalho sentem uma necessidade enorme de relaxar. No Brasil, uma forma de relax muito fácil e popular é o “barzinho”, onde as pessoas se reúnem para descontraírem e depois ir para casa. Algumas pessoas, a partir desse hábito, passam a desenvolver a dependência da bebida. A situação em que a pessoa bebe para se auto-agredir não é rara. Ela se sente fracassada, estagnada, a própria cultura da empresa levá-lo a sentir-se culpado pela não-ascensão profissional.

O trabalho aparece como uma instância muito importante, de um modo mais geral, em psicopatologia. Tradicionalmente, eram estudadas as causas genéticas dos distúrbios mentais ou causas ligadas à primeira infância.

Não temos como, nem porquê colocar em cheque todos esses enfoques da psicologia, mas temos enfatizado a necessidade de que se olhe mais para essa outra instância, que não é a genética, não é a família, e que também tem um peso muito grande na origem do sofrimento mental dos distúrbios psicossomáticos.

Em pesquisas das quais eu participei, junto a bancários e metroviários, nós vimos que as depressões foram o grupo de problemas “psi” mais frequentes. Nós trabalhamos com entrevistas individuais e coletivas. Uma coisa muito séria que essa pesquisa revelou, no caso dos metroviários, foi o problema causado por suicídios na via. Ver al-

responsabilidade, que o trabalhador tem de cumprir quando sente sono. Nós verificamos isso nesses dois grupos - metroviários e bancários - e também num outro grupo, que eu havia estudado anteriormente, de operários industriais. Tanto na siderúrgica, quanto na indústria química, e também em situações de trabalho noturno ou de turnos alternados, eles tinham que lutar com a sonolência.

Isso é especialmente angustiante se a pessoa trabalha numa área onde uma falha pode provocar acidentes com outras pessoas. A responsabilidade com vidas humanas, no caso de trabalhadores industriais e na área de transportes, especialmente, é um fator que gera muita ansiedade. Nestes casos, a redução da jornada de trabalho é um fator preventivo muito importante, reconhecido no mundo todo.

O acúmulo cotidiano do cansaço resulta, especialmente nas últimas horas de trabalho, numa maior possibilidade de falhas e acidentes. A humanização do trabalho certamente corresponde a uma maior eficácia. Hoje em dia, os próprios empresários começam a ter uma outra visão e já percebem o quanto é importante para a própria qualidade de produção e para a competitividade do negócio que haja respeito à saúde dos seus funcionários.

Esta é a única forma de conseguir uma adesão real do trabalhador, e isso só acontece quando ele se sente valorizado, respeitado como pessoa, como inteligência viva que pode interagir criativamente em seu local de trabalho. Não estamos falando de falsos participacionismos, onde é permitido que os funcionários escolham se preferem pintar a empresa de azul ou de amarelo. Estamos falando de investigar se determinada atividade é adequada à natureza humana, se turnos de seis ou oito horas são apropriados, e assim por diante. Na medida em que esse comportamento for evoluindo, a partir dos trabalhadores da saúde, as próprias gerências passarão a desenvolver formas de trabalhar mais humanas, que tragam benefício tanto para o trabalhador quanto para o desempenho da empresa.

Nesse sentido, o papel do psicólogo é muito importante, seja na área de pesquisa, seja vinculado à universidade, ao sindicato ou à empresa que realmente queira estudar essas questões. Acho que o psicólogo tem um lugar decisivo como pesquisador, no treinamento dos recursos humanos, na formação e na informação sindical. O campo clínico acaba sendo também um campo de pesquisa. E no campo clínico, o psicólogo que tem essa visão da importância do trabalho para a saúde mental, acaba sendo um melhor profissional”.

Soldados nas Trincheiras da Miséria

Uma análise sobre a situação da saúde mental na América Latina, por Jorge Broide, psicólogo, e Irineu Silva Júnior, sociólogo, diretores do Centro Latino Americano de Estudos em Saúde Mental.

O Centro Latino Americano de Estudos em Saúde Mental tem como objetivo produzir, através da interdisciplinaridade, e dentro da teoria e respectivas metodologias de Freud e Enrique Pichon-Riviere, conhecimento científico condizente com as condições concretas de vida na América Latina. Além dos cursos e dos Grupos de Estudo, temos desenvolvido pesquisas sobre os homens que vivem na rua, assim como menores em situação de risco, e empreenderemos agora um estudo mais aprofundado do que vem a ser Saúde Mental na América Latina hoje. Nossa perspectiva é desenvolver estas investigações de forma comparada juntamente com instituições com quem mantemos convênios em outros países (Uruguai, Cuba, Argentina).

Para alcançar estes objetivos, é necessário, no entanto, contextualizar o trabalho no campo e isto não é possível sem penetrar nas relações mais amplas que ainda hoje condicionam nossa práxis. Isto por-

que a produção em Saúde Mental na América Latina é complexa e permeada pelas contradições que atravessam o continente. É a partir delas que os trabalhadores se formam e estruturam suas ações concretas.

Sabemos que, na atualidade, existe uma enorme quantidade e variedade de trabalhos desenvolvidos nos mais diversos países na área. Estes tratam de lidar com nossa realidade social. São realizados de forma individual, grupal, institucional, em Centros de Saúde, com psicóticos, com menores infratores e abandonados, com população moradora de rua, nas favelas, nas mais variadas instituições, inclusive consultórios.

Estes trabalhadores da saúde mental constituem-se em operadores sociais da mais alta coragem e criatividade. São como soldados que lutam nas trincheiras da miséria, sem o equipamento necessário para sobrevivência. Porém seguem vivos e lutando, muitas vezes desqualificados, sem terem a clareza

da importância do que fazem. É sobre esta questão que desejamos trazer o efeito de nossa história, que opera diretamente sobre a prática cotidiana.

O passado colonial e as atuais relações entre Hemisférios Norte e Sul configuram um centro e uma periferia. Esta periferia, por sua vez, fragmenta-se entre si (no caso aqui, na precariedade de vínculos de intercâmbio entre os países latino-americanos) e estabelece laços unitários e unilaterais com o Hemisfério Norte, tomando a este como modelo e ideal.

Esta relação tem conseqüências no campo da saúde mental. A primeira é a busca de modelos nos chamados países centrais (que possuem, reiterando, uma situação muito distinta da nossa) para tratar de implantá-los aqui. Uma segunda conseqüência é que este conflito está também introjetado no mundo interno do trabalhador de saúde mental, fazendo com que, muitas vezes, este desqualifique seu próprio trabalho, tratando o mesmo como inferior tanto prática como teoricamente ao desenvolvido pelos colegas do Primeiro Mundo, ou então, aos que daqui mantêm uma relação orgânica com este. Isto encobre o fato que indubitavelmente o trabalho na América Latina é rico, vigoroso e criativo. Vivemos situações que exigem uma criatividade e uma coragem desconhecidas pelos que vivem ou estão ligados ao Hemisfério Norte.

Estas reflexões nos fazem ver o quanto que nosso passado histórico é presente, sendo reproduzido, muitas vezes, em nome de uma modernidade e de um progresso. Não podemos esquecer que a saúde mental também é parte integrante das relações de produção e objeto de interesse pelos países centrais em sua atuação nas periferias.

A posição que expomos aqui, é importante frisar, não exclui de forma alguma o conhecimento universal, patrimônio da humanidade. O que colocamos é que para que este se mantenha universal deve ser aplicado de forma pertinente às nossas condições concretas, sem que se torne uma forma de colonialismo científico.

Na América Latina, a inserção dos trabalhadores da saúde mental

no campo social tem uma história com no mínimo 40 anos. Impossibilitados de citar a todos neste momento, devido à abrangência do tema, tomaremos algumas situações enquanto porta-vozes do trabalho criativo e consistente desenvolvido no continente.

A Argentina desenvolveu-se na Psicanálise e tratou de expandir a mesma a outros âmbitos que não somente o consultório. A partir da década de 40, inicia-se com Enrique Pichon-Riviere, e discípulos como José Bleger, uma produção teórica e prática que veio gerar importantes frutos como o Grupo Operativo e o trabalho nos mais variados tipos de instituições. O trabalho de Pichon-Riviere irradiou-se, através de seus discípulos, a outros países tais como Venezuela, Uruguai, Brasil. Sua produção está centrada na relação existente entre estrutura econômica e social e estrutura psíquica.

Cuba, dentro de outra perspectiva, que é a psico-

logia de orientação marxista, estendeu o atendimento em Saúde Mental à toda população. Tornou-se inclusive um ponto importante no debate da questão na América Latina, ao promover em conjunto com profissionais do continente, encontros entre psicanalistas e psicólogos marxistas de toda a América Latina e Europa.

Também na América Central é significativa a produção de Ignacio Martin-Baró em El Salvador sobre temas como os efeitos da guerra civil na infância de seu país, e a busca de uma psicologia social centro-americana.

No Brasil é importante mencionar o trabalho pioneiro do Dr. Durval Marcondes - o primeiro psicanalista na América Latina - a partir da década de 20, no serviço de higiene mental das escolas municipais.

Hoje em dia, dentro de enormes dificuldades, trabalha-se em todo país em busca de alternativas para o trabalho em Saúde Mental. Estas surgem sempre que exista um espaço democrático. Quando isto não ocorre, surgem igualmente, sendo muitas vezes sufocadas por uma ordem antiga, porta-vozes das relações mais amplas a que nos referíamos. Mesmo assim deixam pistas para o futuro.

A saúde mental também é parte integrante das relações de produção.

Companhia do Teatro Espontâneo Formação em Psicodrama

Um fim-de-semana por mês.
Local: Tietê (140 km de SP)
Informações: Tel. (011) 62-7436
R. Piracuama, 190 - CEP 05017 - SP
Diretor: Moysés Aguiar CRP-06/00735

III Congresso Brasileiro Sobre o Sono

26 e 27 de outubro de 1991
Centro de Convenções Rebouças
Temas Principais:
Depressão no idoso
Insônia como sintoma
Hipertensão e apnéia
Cefaléia e sono
Inscrições e informações: Centro de Convenções Rebouças - Av. Rebouças, 600 - CEP 05402 - São Paulo - SP.
Fones (011) 881-1344 - Fax: (011) 881.1125

**ANUNCIE AQUI
549-9799**

MUSICOTERAPIA

Golden Temple Music NEW AGE MUSIC

Entretenimento, ambiente, tratamento, relaxamento, musicoterapia.
Peça informações e catálogos:
Caixa Postal - 17062 - CEP. 02399 - SP
Fone: (011) 485-1556
José Jacinto de Godoy Balberde
CRP-06/335-0

INSIGHT A PSICOTERAPIA EM REVISTA

PSICOTERAPIA

Fique por dentro do que acontece no mundo da psicoterapia, mensalmente, sem sair de casa

Assine Insight agora!

Uma revista séria e inteligente, de ótima qualidade gráfica e editorial, escrita por profissionais da área, e que traz diversificadas posições a respeito dos assuntos que interessam a todos nós psicólogos, psicanalistas, psiquiatras, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, psicopedagogos e estudantes. Ao assinar *Insight* você estará permanentemente se atualizando e atualizar-se é um grande fator do sucesso profissional. *Insight* é uma revista para ler, pensar, discutir e colecionar. É ainda um veículo que abre espaço para você divulgar o seu trabalho. Assine *Insight* e Participe!
Ligue já: Central de atendimento ao leitor (011) 283.5689
Ou escreva para: Lemos Editorial & Gráficos Ltda
Rua Itapeva, 518 - Cj. 209 - São Paulo/SP - CEP 01332

O Leitor Escreve

No mês de agosto, recebemos carta da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo - Departamento Psiquiátrico II, cujo conteúdo reproduzimos, na íntegra, abaixo:

"O artigo "Saúde Mental e Cidadania" publicado no nº 72 - Ano II - Julho/Agosto 1991 do Jornal CRP-06 estampa informações incorretas acerca de ações desta Diretoria.

A fim de que prevaleça a verdade sobre os fatos, prestamos os seguintes esclarecimentos.

Até a presente data, esta Diretoria não recebeu a moção de repúdio mencionada no artigo em pauta. E ainda acrescentamos que não houve "afastamento de funcionários do hospital psiquiátrico Juquery que resultou na interrupção da reforma psiquiátrica. O que ocorreu é que dois servidores ligados ao Programa Lares Abrigados solicitaram comissionamento junto à Prefeitura de São Paulo.

Após a saída desses servidores do Programa Lares Abrigados, uma série de graves irregularidades veio à tona, fatos estes que são objeto atual da investigação neste hospital e na delegacia de polícia local.

E ainda, a permanência desses servidores no Programa Lares Abrigados - uma das pontas de lança da reforma psiquiátrica que se desenvolve no Hospital de Juquery desde 1983 - entrava seriamente o progresso destes trabalhos, ao criar um clima de insegurança e descontentamento entre pacientes, técnicos e demais servidores deste Departamento.

A reforma psiquiátrica que se desenvolve neste Hospital já marcou pontos importantes, em especial a redução de 1.600 leitos psiquiátricos desde 1984 até a presente data. Além disso, a criação do Pronto-Socorro Psiquiátrico - pioneiro no Estado -, a integração dos serviços do Hospital de Juquery ao ERSA-14, bem como os inúmeros outros programas que ora se desenvolvem atestam que não houve interrupção da reforma psiquiátrica, como menciona equivocadamente o artigo que comentamos.

Dr. Abrão George Reston
Diretor Técnico do ERSA-14 e M-DPII

Dr. Mário Balster Martins
Diretor Clínico

O Conselho Responde

As informações que constam na matéria em questão dizem respeito aos encaminhamentos deliberados durante o Workshop "Saúde Mental e Cidadania", realizado em Santos, de 18 a 21 de junho último. Obtivemos tais informações junto aos organizadores do evento, que reafirmam as mesmas.

Lançamento do livro Psyché

Mais de 100 pessoas estiveram presentes no lançamento do livro *Psyché - Quatro Abordagens em Psicoterapia*, ocorrido no último dia 27 de agosto, na livraria Cultura, em São Paulo. Este livro, que reúne quatro palestras proferidas durante evento homônimo realizado em agosto do ano passado no Centro Cultural São Paulo, foi lançado pelo Conselho Regional de Psicologia - 6ª Região, através da Oboré Editorial Ltda.

Psyché - Quatro Abordagens em Psicoterapia, cujo lançamento homenageou o Dia do Psicólogo, reflete a proposta do CRP-06, quando da realização do evento, de estar mostrando aos leitores as principais psicoterapias e suas diferenças. Os textos apresentados no livro são os seguintes:

- "Psicologia Analítica - Análise Junguiana" abordado por Nairo de Souza Vargas, médico psiquiatra, analista junguiano e membro da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica;

- "Psicanálise" é tema de Jorge Forbes, médico psiquiatra e psicanalista de formação lacaniana;

- "Psicanálise: Três Propostas Metodológicas e Formação do Psicanalista



Nairo de Souza Vargas, Jorge Forbes e Antonio Gonçalves dos Santos (da esq. para dir.), na noite de autógrafos.

no Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo" é escrito pelo psicanalista e membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, Antonio Sa-pienza;

- "Psicodrama", tema abordado

A Atuação nas Delegacias

O CRP-06 inaugurou nova delegacia, em Guarulhos, que levará as ações políticas da entidade.

Os psicólogos de Guarulhos e região não terão mais que se deslocar até São Paulo para tratar de assuntos relativos à profissão. É que no último dia 29 de agosto, o Conselho Regional de Psicologia - 6ª Região inaugurou mais uma delegacia, sediada em Guarulhos, a qual deverá atender cerca de 2 mil profissionais.

Para abrir uma delegacia, o CRP-06 leva em consideração a demanda dos profissionais por região, bem como sua localização geográfica. Ao todo, hoje, o Conselho conta com 11 delegacias em sua área de atuação - São Paulo, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul - que atende cerca de 40% dos 29 mil psicólogos ativos.

Qual é o papel de uma delegacia? Ela é, na verdade, uma extensão da sede e tanto pode levar discussões desta para o interior, como também é um ponto de comunicação entre o interior e a sede. "Devemos estar informados de todos os avanços e problemas que afetam os profissionais não só da capital, mas de toda a região que atingimos", afirma a conselheira Marlene Bueno Zola, membro da Comissão de Delegacias.

Mas isto não é só. As delegacias processam debates técnicos e científicos, dentro da ótica da qualidade dos serviços da psicologia, através, sobretudo, da organização de eventos, da mesma forma que acontece

na capital. Um exemplo é o Encontro de Formação Profissional, ocorrido em São Paulo, em junho do ano passado, cujo tema também foi abordado pelas delegacias em eventos paralelos.

Apenas as denúncias éticas são remetidas à sede, uma vez que as delegacias não possuem suportes legais para responder tal demanda. Sendo assim, fica claro que as delegacias não servem só para regularizar os registros dos psicólogos. Elas vão além disso, "acabam se tornando um ponto de referência para entidades e para os profissionais", diz a conselheira. Uma prova é a inserção social de várias delegacias nas comissões municipais de saúde, onde estão localizadas.

Neste ano, mais de 20 eventos foram planejados por todas as delegacias, sendo que, até setembro de 1991, a maior parte deles já haviam sido realizados. A intenção, agora, é estar levando ao interior as discussões sobre a autarquia e o papel da delegacia, visando uma aproximação ainda maior com os profissionais da área.

Mas, para que esta atuação seja realmente representativa, é necessário que a categoria participe. "Os psicólogos precisam se conscientizar de que nosso trabalho também depende dos subsídios e expectativas que eles nos trazem", finaliza a conselheira.

por Antonio Gonçalves dos Santos, professor e supervisor da Sociedade de Psicodrama de São Paulo.

O exemplar do livro pode ser adquirido na sede do CRP-06 em São Paulo. Maiores informações poderão ser obtidas pelo telefone (011) 549-9799.

Orientações Éticas

A Comissão de Ética do CRP-06 vem recebendo consultas acerca de questões relativas ao ensino de Psicologia e ao campo de ação daqueles que cursam Pós-Graduação. Por serem recorrentes tais consultas, a Comissão decidiu trazer orientações a toda categoria. São elas:

- O curso de Pós-Graduação em Psicologia não implica a formação de psicólogos, mas, sim, de pesquisadores da área.

- Se o pós-graduando em Psicologia for também bacharel na área, ele poderá aplicar e avaliar testes psicológicos, enquanto pesquisador, embora não atue como profissional, porque não tem o seu diploma de psicólogo e nem o devido registro no Conselho.

- No caso do pós-graduando em Psicologia ter formação (a nível de bacharelado) em qualquer outra área (sociologia, serviço social, etc), ele não poderá aplicar testes de avaliação psicológica. Se esse pesquisador necessitar de aplicação de testes psicológicos nos seus trabalhos de pesquisa deve procurar um psicólogo que aplique e avalie os mesmos, bem como lhe entregue formas padronizadas dos dados (resultados pré-determinados de acordo com o objetivo da pesquisa) para trabalho de comparação e discussão pelo pesquisador.

- A Psicologia é lecionada por profissionais que tenham pelo menos licenciatura/bacharelado, ou então, diploma de psicólogo.

- Algumas profissões permitem aplicação de testes específicos às mesmas, como por exemplo, o pedagogo que utiliza testes de prontidão, os quais não são de avaliação psicológica.

NEUROPSICOLOGIA

A Prática Clínica e Atividades de Pesquisa

Norberto Rodrigues

O estudo das funções cognitivas humanas e suas bases biológicas é o que denominamos neuropsicologia. Não se trata de um novo ramo do conhecimento, pelo contrário, a preocupação com a questão da sede das atividades mentais é muito antiga e deve datar da época em que o homem começou a refletir sobre si mesmo. Contudo, foi só a partir de meados do século passado que tal assunto tornou-se objeto de investigações científicas.

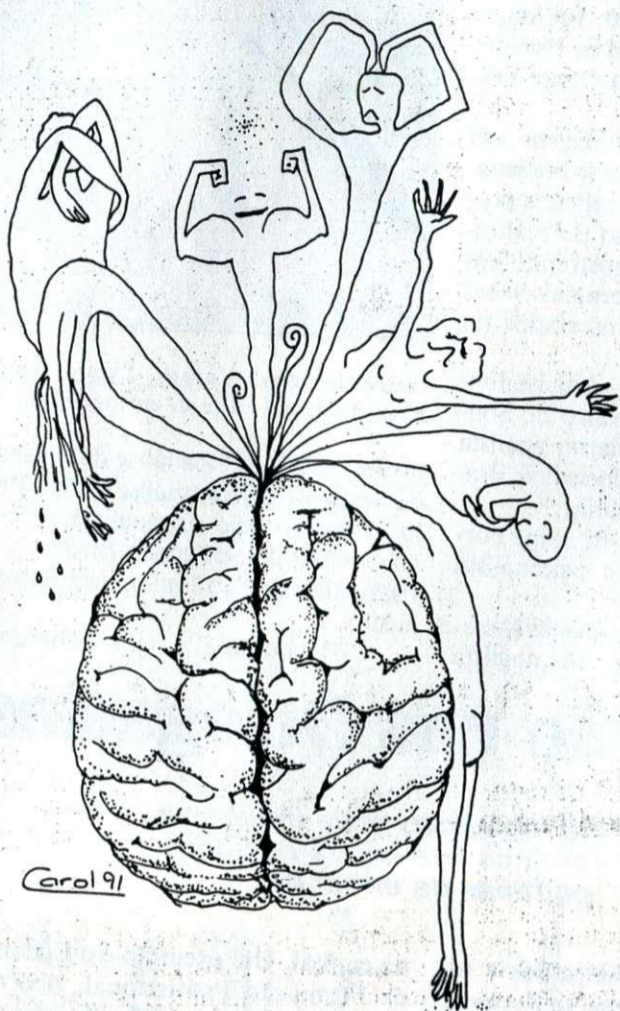
Desde então, estabeleceu-se uma polêmica entre uma corrente defensora da tese de que as habilidades intelectuais estavam sediadas em áreas do córtex cerebral estritamente localizadas e outra que acreditava serem tais capacidades dependentes do funcionamento cortical como um todo, podendo ser apenas parcialmente localizáveis. Ao longo deste século, estas duas teses convergiram lentamente. Não vou me aprofundar nesse histórico, uma vez que já o fiz em outra ocasião (vide Rodrigues, *Neurolinguística dos Distúrbios da Fala*, Cortez 1989).

Nos últimos 20 anos, entramos novamente num período crítico na história das idéias sobre as funções cognitivas humanas e sua organização neural. Tal período é marcado pelo "descolamento" progressivo, mas não descompromisso, entre as chamadas ciências cognitivas e a neurofisiologia.

Isto significa que os dados experimentais obtidos ao examinar-se uma dada função cognitiva são considerados "verdadeiros" independentemente de estarem corroborados ou não por um modelo biológico. Não se pretende com isso desprezar a fisiologia, mas simplesmente admitir que conhecimentos sobre as funções cognitivas possam ser acumulados e sistematizados, tratando-se de, sempre que possível, compatibilizar tais modelos com os conhecimentos fisiológicos disponíveis naquele momento. Nota-se que esta compatibilização não submete a pesquisa na área das funções cognitivas à biologia e vice-versa. Admite-se que estes movimentos de investigação, embora tendam a convergir a longo prazo, possam estar em momentos e estágios diferentes.

Constatamos, hoje, que alguns temas da neurofisiologia - por exemplo, o estudo de neurotransmissores encontra-se bastante avançado e, apesar disso, sabemos muito pouco sobre como esta neurotransmissão se relaciona com os processos cognitivos. Por outro lado, aspectos do funcionamento intelectual do homem começam a ser razoavelmente compreendidos sem que, paralelamente, tenhamos o mesmo grau de compreensão de quais são os mecanismos fisiológicos subjacentes a estas funções.

Neste ponto, retomamos o conceito de neuropsicologia como o estudo das fun-



ções cognitivas humanas e suas bases biológicas. Assim, o objeto da neuropsicologia é o estudo das relações entre a cognição e a fisiologia do sistema nervoso. Nessa tarefa, ela não pode prescindir, em nenhum momento, destes dois polos, sob pena de deixar de ser o que se pretende.

Esta breve colocação de caráter epistemológico teve a intenção de explicitar um aspecto que é nuclear para a compreensão do caráter multi-disciplinar da neuropsicologia e para a definição de seu objeto de estudo.

Gostaríamos agora de abordar alguns aspectos da relação entre a neuropsicologia e psicologia. Vou dividi-los em dois grupos, um voltado para a pesquisa, outro para a atividade clínica.

No que diz respeito à pesquisa, embora não possamos aqui discorrer extensamente sobre o papel da psicologia experimental, creio que é sobejamente conhecida a importância que estas investigações têm na produção de conhecimentos relativos às funções cognitivas humanas. Isto é largamente verificado na literatura internacional, onde um volume considerável de publicações na área nasce de laboratórios de psicologia experimental ou das mãos de psicólogos e outros profissio-

nais valendo-se de técnicas desenvolvidas em laboratório.

Segundo aspecto: os psicólogos raramente estão envolvidos nestas investigações. A grande maioria dos trabalhos publicados ou apresentados nessa área são realizados por médicos, biólogos, fonoaudiólogos, linguístas, entre outros. Isto é particularmente surpreendente porque os psicólogos brasileiros são muito ativos na área de Psicologia experimental animal.

Em agosto desse ano, ministrei uma conferência durante congresso promovido pela Sociedade Brasileira de Neurociências e Comportamento. Na ocasião, tive oportunidade de discutir estas questões com um grupo altamente representativo da universidade brasileira. Uma das razões aventadas para justificar a escassa participação dos psicólogos na produção científica na área de neuropsicologia no país foi a dificuldade dos laboratórios estabelecerem pontes de contato com os serviços de saúde que dão assistência a pacientes lesionados cerebrais, mesmo quando estes serviços pertencem à universidade.

Embora este argumento seja verdadeiro, ele não parece explicar toda a questão. Seria muito bom se pelo menos parte da energia dedicada à psicologia experimental animal fosse voltada para pesquisas na área das funções cognitivas humanas, especialmente em indivíduos lesionados cerebrais. Penso que esta discussão deva ser aprofundada.

Passemos à questão da neuropsicologia na clínica. Inicialmente salientamos que este século assistiu a um processo de expansão acentuada da clínica, com o surgimento de outras corporações envolvidas com a questão da saúde, além dos médicos. Assim, psicólogos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, apenas para citar algumas profissões, dividem, hoje, com os médicos, o papel social de quem se ocupa dos enfermos. Na esteira dessa expansão, ocorreu também uma "clinificação" dos desvios do aprendizado e como consequência, além de médicos e psicólogos, estamos assistindo ao nascimento de mais uma corporação envolvida com as questões da educação, a dos psicopedagogos.

Desse modo, a grande quantidade de

teorias, métodos e técnicas utilizadas e o extenso número de diferentes profissionais envolvidos nessa prática levaram a clínica a um grau de interdisciplinaridade desconhecido antes da nossa época. As relações entre essas áreas são extremamente complexas e poucos ramos do conhecimento têm se ocupado especificamente de pensar esta questão das relações interdisciplinares.

Conforme dissemos no início, a neuropsicologia ocupa-se exatamente das relações entre a fisiologia e as funções cognitivas humanas. Ela já reuniu, ao longo de pouco mais de cem anos de existência, um sólido corpo teórico, com métodos e técnicas próprias, de grande valia na atividade clínica de psicólogos, médicos e demais profissionais envolvidos com aquisições, desvios e perdas cognitivas.

A neuropsicologia introduziu, na prática clínica, uma série de transformações. Mesmo as aparentemente mais superficiais são marcantes. Por exemplo, a questão do tempo de avaliação. É claro que se queremos investigar como uma pessoa resolve problemas, memoriza ou escreve, devemos acompanhar estes processos intelectuais. Os recursos de exames complementares, tais como eletroencefalografia ou tomografia, podem auxiliar mas não dão estas respostas. A avaliação neuropsicológica demanda horas de trabalho, o que significa que ela não é viável em uma consulta de quarenta minutos.

Outra transformação importante diz respeito à classificação nosológica utilizada na clínica. Entidades tais como "deficiência mental" ou "demência" tiveram seu caráter geral e descritivo tão claramente evidenciados que sua utilização tende a restringir-se progressivamente. Mesmo termos clássicos como afasias, apraxias ou agnosias estão sendo questionados e substituídos por categorias mais específicas de distúrbios cognitivos. Isto tem grande repercussão a nível terapêutico, pois a maior compreensão destes distúrbios, sejam de desenvolvimento ou adquiridos após agressões ao sistema nervoso, resulta em processos terapêuticos mais profundamente elaborados e melhor controlados, o que constitui o grande desafio enfrentado na área de terapias de reabilitação e educação especial.

Este assunto, que tem despertado interesse crescente, será objeto de discussão durante o II Congresso Latino-Americano de Neuropsicologia, a ser promovido pela Sociedade Brasileira de Neuropsicologia, no período de 2 a 6 de novembro próximo, no Centro de Convenções Rebouças, em São Paulo. Trata-se de uma excelente oportunidade da Psicologia reconciliar-se com a Biologia.

Norberto Rodrigues é neurologista, autor do livro *"Neurolinguística dos Distúrbios da Fala"*, Cortez 1989.

Enfoque é uma seção aberta à colaboração dos psicólogos ou dos profissionais ligados às práticas de Psicologia. As opiniões apresentadas neste espaço de discussão não coincidem, necessariamente, com as posições do CRP-06.